

Leonardo Antunes. *João & Maria: dúplice coroa de sonetos fúnebres*. São Paulo: Patuá, 2017. 75 p.

O livro de poemas de Leonardo Antunes, com ilustrações de Augusto Lima, é marcado pela circularidade e o amalgamento entre forma e conteúdo. Este último caracteriza-se pelo desenrolar de uma cadeia inevitável de fatos que culminam com a morte das personagens e assinala alegoricamente uma cíclica tragédia da vida urbana, condenada por um cotidiano desumano. Aquela refere-se à escolha do autor pela coroa, que, como ele mesmo esclarece no prefácio, é uma composição oriunda do século XV, com sonetos apresentados em sequência nos quais cada um inicia pelo último verso do anterior, banalizando o *moto continuum* da composição. Assim, forma e conteúdo costuram-se pela linha da fragilidade da condição humana e pela fatalidade que a espreita.

Vencedora do Prêmio Açorianos (2017), a obra, dividida em duas partes, com quinze sonetos cada, narra a sinistra fortuna de duas personagens que entre si *a priori* não guardam nenhuma relação de parentesco. No entanto, uma leitura mais cuidadosa denota a velada proximidade que existe entre João e Maria: uma contiguidade advinda da trágica morte e existência de ambos, expressa em Maria: “Num açougue nos fundos do mercado,/ fazia já três anos que Maria/ suportava o que só suportaria/ alguém com seu destino malfadado.” (p. 51). E constatada em João: “Seis dias por semana em dois trabalhos,/ Que trabalhado um homem se agracia./ Com carteira às vezes assinada,/ Limpava pias, vasos e assoalhos/ Até chegar em casa aquele dia/ João com seu revólver suicida.”(p. 41). São histórias de vidas construídas como uma espécie de espelhamento, visto que refletem a violência e a solidão cotidianas como também os

projetos de vida ceifados pela ignorância, pelo medo, pelas limitações de oportunidades que permeiam as relações humanas imersas na contemporaneidade, traduzindo as vicissitudes de seu tempo.

A primeira parte, intitulada *A coroa de João*, inicia com um soneto-base que narra os momentos antecedentes ao suicídio de João, bem como a consumação do fato: “Entrando em casa, foi de sala em sala/ A fim de despedir-se dos parentes - / Da mãe, da avó e da irmã recém-nascida./ Então, depois dos beijos, veio a bala:/ Cravou-a à própria testa, penitente [...]” (p. 15). Os demais catorze sonetos, encadeados pela trama composicional da coroa, aos poucos vão revelando os diferentes ângulos de sua malfadada sorte. Gradativamente, João é apresentado pelas vozes que atravessam os poemas. Esse caráter polifônico da obra cria uma cadeia de efeitos de sentido que resulta no desmascaramento, revelando as intenções ocultas nas enunciações de cada voz: “Assim se questionava noite e dia:/ 'João havia sido realmente/ Averso aos maus costumes e ao pecado?’”(p.27). O conjunto dos poemas arquiteta-se com o protagonista ausente e é justamente essa ausência que deflagra não apenas o caráter de João, “Um moço sempre tão bem-comportado” (p.15), mas sobretudo as crenças, a religiosidade e os preconceitos sociais: “[...]Que falta de temor ou de respeito/ A Deus motivaria tal pecado?[...]” (p. 27). Habilmente, o poeta coloca o suicídio em segundo plano e sob os holofotes, as malhas deterioradas das relações humanas e das instituições.

A coroa de Maria compõe a segunda e última parte da obra. Nela, a morte também é o elemento desencadeador das ações. No soneto-base, é narrado o linchamento de Maria, por parte do marido com apoio dos vizinhos. Maria, uma mulher pobre, funcionária de um açougue, casada e com filhos, não ganha o suficiente e se submete a vender “Secretamente, dentro de um sobrado,/ A fim de completar seu ordenado,/ [...] As ‘carnes’ para a freguesia” (p. 47). Traída, incompreendida e flagrada em adultério pelo marido, ela é assassinada.

O pano de fundo das cenas dos quinze poemas de Maria é o sexismo, denunciado pelo comportamento do gerente do açougue que “A cada vez que vinha ao

seu lado [...], Maria ouvia/ alguma troça, alguma baixaria,/ Ou tinha o corpo súbito apalpado.” (p. 51). Mais uma vez, a vergonha, a humilhação, a violência, a ignorância, o descaso e a solidão denunciam o *ethos* no qual se insere a história de vida de Maria. Com maestria, o poeta compõe um quadro da miséria humana, da incompreensão e da injustiça, pois “Na vez em que ele foi indiciado/ Por Maria a seu superintendente,/ Não houve resultado, mas somente/ Abuso ainda maior e concentrado.” (p.53). Mais adiante, a violência doméstica sofrida por Maria é expressa no soneto XIII, quando “Tomando seu pescoço na mão bruta,/ O marido a exibia à vizinhança/ Gritando a todos a desgraça sua. [...]/ Depois linchou Maria em plena rua.” (p. 73).

Destarte, o reducionismo da existência de um ser humano ao seu papel de apenas subsistir resulta no apagamento de sua individualidade e produz como herança um ciclo de coisificação permanente nas relações sociais. Essa opacidade que acompanha a figura de Maria em seu universo como mãe, esposa, filha, mulher está subsumida no epitáfio posto em seu túmulo: “E os filhos colocaram-lhe simplórios,/ Por epitáfio o dito dissoluto:/ ‘Maria trabalhava todo dia’.” (p. 75).

Conforme Antunes acentua no posfácio, o tom prosaico dos versos e a linguagem coloquial contribuem para impactar o leitor. Ao tecer os poemas, em versos decassílabos, com ritmo predominantemente jâmbico, com rimas pobres e linguagem simples, o poeta reitera a fissura entre tradição e modernidade. Não obstante, à perspicácia da técnica, com perícia e clareza de seu ofício, aproxima diferentes subtemas à temática principal da obra, a saber: a dualidade da vida.

Poder-se-ia afirmar, num primeiro momento - até mesmo pelas palavras que compõem o título *sonetos fúnebres* - que o tema principal é a morte. A morte interrompe o ciclo da vida tanto de João como de Maria, articulando-se como ponto fulcral dos sonetos-base. No entanto, um olhar mais acurado retira o véu que reveste os poemas, exibindo a vida como uma torrente que flui. É a vida que exige a continuidade, a vida que decreta a restauração da ordem, a vida que deseja seguir seu curso, que exclui o estorvo, que cala os insurgentes, que silencia os fracos: “Não tinha amigos minha pobre cria./ Ninguém lhe ouvia os torpes pensamentos/ Que a si

guardava e para si somente” (p. 39). A vida surge como metáfora de uma sociedade que rejeita o que não compreende e o que não se coaduna com os padrões. A vida expelle, repele aquele que não consegue alcançar aquilo que dele se espera. A vida a parir a morte e dela se alimentando para que novamente o ciclo se reinicie.

Sob o signo da Máscara de *Janus*, vida e morte negociam barganhas mútuas para restabelecer o equilíbrio. A morte, reverso da vida, torna-se bálsamo. Ela é incorporada à rotina dos dias “severinos”, da vida “severina” e da morte “severina” que encapsulam incontáveis joões e marias. Na intermitência da vida há a intermitência da morte, como fatalidade e ao mesmo tempo como resistência.

Por diferentes caminhos, a obra dialoga com a tradição da poesia inglesa seja pela forma praticada por John Donne, seja pelo conflito religioso reformista que se instala entre a Igreja e a família em torno do suicídio do “penitente” João: “À luz da sacrossanta liturgia,/ Alguém que se mostrasse tão descrente/ Devia ser chorado ou condenado?” (p. 27). Soma-se a isso, a vida de Maria “temente” caracterizada por duras provações, encaminhando-se para um desfecho cruel quando sua vida lhe é arrancada, sendo amarrada “[...] ao pelourinho, [...] seu corpo retalhado em carne crua. [...]” (p. 75).

A visão de mundo projetada no sofrimento trágico de existir, na atitude penitente e temente, na religiosidade que permeia os versos, nos conflitos que tensionam as relações, na coroa de sonetos como forma de concretização da poesia, evidencia a influência da poeticidade e da sacralidade do século XVII presentes na obra. Assim, a poesia de Antunes coloca em confronto dimensões temporais diferentes: o barroco inglês e a contemporaneidade de temas que inscrevem o ser humano na crise da individualidade e dos valores éticos atuais.

O exercício de (des)cobrir as várias faces da poesia de *João & Maria: dúplici coroa de sonetos fúnebres* transporta o leitor por labirintos que exigem uma leitura verticalizada. Como referido, são múltiplas as vozes na obra e elas ecoam também de outros territórios poéticos por meio da intertextualidade, ora na representação poética

de uma realidade social que sugere uma interface com *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto; ora com *José*, de Carlos Drummond de Andrade, na pergunta filosófica que tensiona o eu e o mundo; ou ainda, no abandono à própria sorte num mundo hostil, estranho e letal, presente na literatura de tradição oral no conto infantil *João e Maria*, fixado pelos irmãos Grimm.

Suzana Pagot

Universidade de Caxias do Sul